

ABAHÍ DURÉ ABAWA: estratégia do A'uwê Marãiwatsédé para revisitação do território ancestral.

LUCIENE DE MORAIS ROSA¹

luciene-rosa@hotmail.com

LUCIANA AKEME SAWASAKI MANZANO DELUCI

lucianaakeme@hotmail.com²

“Os espíritos dos nossos antepassados choram e pedem para a gente não desistir desta luta” (C.R, professor da EEI Marãiwatsédé, InformativoMarãiwatsédé, 2011).

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar do resultado do trabalho da expedição Dzomori desenvolvida como desencadeadora para a elaboração do currículo escolar discutido durante a formação continuada dos professores da Escola Estadual Indígena Marãiwatsédé. A mediação desse trabalho foi feita pelos professores formadores que atuam em História, Educação Escolar Indígena e Geografia do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais de Educação Básica - CEFAPRO de Barra do Garças-MT. As atividades desenvolvidas ocorreram de forma interdisciplinar, tendo como foco os conceitos de lugar e memória, pois são fundamentais para a compreensão da importância histórico-geográfica da retomada Marãiwatsédé na história do povo A'uwê Marãiwatsédé e subsidiar a elaboração do currículo dessa escola que parta da valorização do lugar e da cultura, articulando os saberes da cultura A'uwê Uptabi, também conhecida pela sociedade envolvente como Xavante, com o conhecimento historicamente construído pela sociedade não indígena .

A abordagem pedagógica do trabalho ensino desenvolvimental de Davidov, cuja teoria da atividade de aprendizagem considera fundamental que a organização do ensino se estruture a partir do desejo/necessidade-motivo-objetivo e condições.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); professora-formadora atuando na Educação Escolar Indígena no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO) de Mato Grosso em Barra do Garças –MT.

² Mestre em Desenvolvimento Sustentável - Sustentabilidade junto a Terras e Povos Indígenas pela Universidade de Brasília-UnB.

Nessa articulação, o desejo dos professores da EEI Marãiwatsédé é desenvolver no currículo a apropriação dos conceitos de lugar e memória tendo como estratégia uma revisitação para reconhecimento do território ancestral por meio da Dzomori, termo que designa as expedições realizadas pelo povo A'wê Uptabi.

Nosso desafio como professoras-formadoras do Centro de Atualização e Formação dos profissionais da Educação de Mato Grosso- CEFAPRO é, auxiliar os professores a organizar o currículo, a partir dos conceitos desenvolvidos em cada área do conhecimento científico, articulando teoria e prática e levando em consideração o processo de ação- reflexão-ação.

Segundo Rosa et al. (2012), os CEFAPROs são centros que desenvolvem e implementam as políticas públicas de educação do Estado. Isso é feito por um grupo de professores das diferentes áreas do conhecimento que atendem às necessidades das escolas nas suas modalidades de ensino. É papel do CEFAPRO, em relação à formação continuada:

A educação escolar indígena é uma das modalidades acompanhadas pelos professores-formadores e o CEFAPRO de Barra de Garças-MT atende 21 escolas indígenas pertencentes às três etnias: Boe (Bororo), A'uwê Uptabi (Xavante) e Kĩsêdjê (Suyá). A Escola Estadual Indígena Marãiwatsédé pertence ao povo A'uwê Uptabi (Xavante) e possui uma singularidade em relação às demais escolas por estar localizada na Terra Indígena (TI) Marãiwatsédé, uma área de conflitos de disputas pela terra. É preciso entender a história de Marãiwatsédé para compreender a dimensão do trabalho pedagógico com os conceitos de lugar e memória.

A formação continuada ocorre dentro da escola essa passa a ser vista como o espaço concreto no qual as questões pedagógicas são alvo de ação-reflexão-ação como “unidade básica de mudança”. Nessa concepção de formação de professores é preciso que a escola construa sua autonomia (IMBERNÓN, 2010. p.56).

Marãiwatsédé, Que Lugar é Esse?

Para os moradores de Marãiwatsédé este é “o lugar das tradições, lutas, resistências e conquistas” (*grifo nosso*). Para Carlos (1996), o lugar é a base das formas

de reprodução da vida e pode ser considerado pela triáde: habitante-lugar-identidade. Isso é fundamental para que entendamos como a vida se dá na realidade.

Entender que lugar foi Marãiwatsédé, no passado, esbarra nas poucas informações existentes na etnologia do povo A'uwẽ Uptabi em Marãiwatsédé. Lopes da Silva (2009) aponta que, por volta da década de 1920, os Xavante fundam, na região da Serra do Roncador, a aldeia de Isorepré (Pedra Vermelha) e dela foram a diferentes direções, em vários momentos da história da ocupação do território por eles habitado. Diversas facções fundaram novas aldeias, e uma delas é Marãiwatsédé, na região do rio Suiá-Missu. Essa seria a aldeia mais antiga, situada na região da Serra do Roncador, por isso é considerada a aldeia-mãe.

Marãiwatsédé, cujo significado em língua Xavante é lugar de mata alta, está localizada em uma área de transição do cerrado para a mata Amazônica, um ecossistema diferente dos campos de cerrado nos quais tradicionalmente o povo A'uwẽ Uptabi habita. Na década de 1960, houve um avanço dos fazendeiros em direção às terras indígenas e um dos conflitos marcantes dessa fase foi o da TI Marãiwatsédé.

De acordo com Rosa (2008), a fazenda Suiá-Missu, de criação de gado, pertencente à Associação de Empresários da Amazônia (AEA), dirigida pelo conhecido empresário paulista, Hermínio Ometto, primeiro presidente da AEA, ocupava indevidamente 600.000 hectares, desde 1961, das terras Marãiwatsédé. Ometto pressionou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia-SUDAM a subsidiar a criação de gado nessa fazenda. A presença indígena na região se constituiu um empecilho para a ocupação da área, por isso, os donos da Fazenda Suiá-Missu procuraram a Força Área Brasileira-FAB, os Salesianos da Missão Religiosa de São Marcos e o Serviço de Proteção ao Índio-SPI, para viabilizar a transferência do povo Xavante de Marãiwatsédé para a aldeia de São Marcos, na TI São Marcos, nos municípios de Barra do Garças-MT e General Carneiro-MT.

À medida que o capitalismo se expandia na região, não só os recursos naturais eram devastados, pois o cerrado ia cedendo lugar às pastagens e isso comprometeu a sobrevivência física e cultural da população que vivia nessa região. No caso dos A'uwẽ Uptabi, cuja atividade principal sempre foi a caça, havia a necessidade da

conservação das matas que abrigavam os animais de caça e árvores, como o buriti, amplamente utilizado nos rituais da cultura desse povo.

O episódio da Suiá-Missu não foi caso isolado na história da ocupação dessa região, mas foi considerado um dos piores e mais tristes da história do povo A'uwẽ Uptabi, tendo em vista que resultou, em 1966, na expulsão de cerca de 230 pessoas dessa área. Eles foram transportados pelos aviões da Força Aérea Brasileira-FAB - de Marãiwatsédé para a Missão Salesiana de São Marcos, na TI São Marcos, a 400 Km ao sul de Marãiwatsédé .

Das duzentas e trinta e três pessoas que foram levadas para a TI São Marcos, cento e sessenta morreram vítimas de uma epidemia de sarampo, por falta de anticorpos. Fernandes (2008) evidencia que o choque causado pela mudança de ambiente no processo de transferência para a Missão Salesiana se deu de várias formas, as crianças foram separadas de seus pais e levadas a internatos salesianos, onde eram obrigados a desempenhar tarefas como lavagem de roupas e proibidos de falar na língua xavante.

A cronologia aponta que a movimentação do povo A'uwẽ Uptabi após diáspora de Marãiwatsédé, ocorreu da seguinte forma: em 1972 o grupo sobrevivente sai da aldeia São Marcos e se desloca para a região de Couto Magalhães (atual T.I. Parabubure), 1982 para a T.I. Areões. Em 1985, migraram TI Pimentel Barbosa, onde fundam a aldeia Água Branca.

Em 1992 a antiga Suiá-Missú estava sob o domínio da Liquifarm Agropecuária Suiá-Missú S/A, e era controlada pela Agip do Brasil S/A, filial da corporação italiana Agip Petroli (holding da estatal Ente Nazionali Idrocarburi – ENI). Nesse mesmo ano, ocorreu a Conferência Mundial do Meio Ambiente (ECO 92), no Rio de Janeiro, onde representantes da empresa se comprometeram, verbalmente, a devolver uma parte da área original aos Xavantes.

O Grupo de Trabalho responsável pelos estudos de identificação da área em questão terminou seus estudos em abril de 1992. Em 1998 foi homologada a Terra Indígena *Marãiwatsédé*, com 165.241 ha, estendendo-se pelos municípios de Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia, São Félix do Araguaia e Serra Nova Dourada no nordeste do Estado de Mato Grosso. Entre a finalização dos estudos e a homologação

da Terra Indígena (1998), ocorreu no território uma série de invasões e grilagens sistemáticas, encabeçadas por políticos locais e nacionais que se encontram ainda hoje dentro de Marãiwatsédé.

Os A'uwẽ Marãiwatsédétabi buscaram retornar a seu território pelas vias legais, até que, em 2003, cansados de morar tanto tempo longe de seu território tradicional, os anciãos resolveram retornar à aldeia de origem, antes de falecerem. Em novembro de 2003, um grupo formado por cerca de 280 indivíduos tentou reocupar a área homologada, sendo impedido por um grupo de posseiros que bloqueava a BR-158.

Para Santos (1994), o lugar compreende uma mudança contínua, consequente da própria da sociedade, das inovações técnicas que estão sempre transformando o espaço. Nesse sentido, a Marãiwatsédé do presente não é a mesma do passado, pois a possibilidade de vida como a existente, anteriormente, em um local de mata com abundância de recursos naturais, transformada em áreas devastadas, lugar de pastagem para o gado e plantação de “monocultura” (*grifo nosso*) da soja, tornou-se quase nula. As contradições permanecem no lugar.

Entretanto, observa-se que, mesmo não tendo encontrado a Marãiwatsédé do passado, o povo A'uwẽ Uptabi estava feliz com o retorno, pois relata no Projeto PolíticoPedagógico- PPP - da escola que o retorno foi um dia tão feliz que o Cacique, Damião Paradzané, dançou a noite toda.

A Luta e a Importância da Construção da Escola Estadual Indígena Marãiwatsédé

Depois do retorno a Marãiwatsédé, em agosto de 2004, a comunidade A'uwẽ Uptabi discutiu a necessidade de se criar uma escola na aldeia, pois as crianças não podiam ficar sem estudar. Inicialmente, foi criada uma extensão da Escola Municipal Santa Marta de Bom Jesus do Araguaia-MT. As primeiras construções eram barracões de madeira cobertos por palha de palmeira inajá.

De acordo com o PPP (2010), nessa época, a escola tinha 200 estudantes e 07 professores, que lecionaram até 2006. No diálogo com os técnicos da SEDUC-MT, a comunidade de Marãiwatsédé, no intuito de fortalecer a educação escolar, sentiu a

necessidade de criar uma escola na própria aldeia. Dessa forma, a escola foi criada pelo Decreto 7.228 de 17 de março de 2006.

Após a criação da escola, muitas dificuldades, relacionadas à falta de instalação física adequada, tiveram que ser enfrentadas. As salas de aula funcionavam em locais improvisados até que foram construídas 03 salas de aula pela Congregação Salesiana de Nova Xavantina-MT. A demanda de estudantes era muito grande e era necessária a construção de uma escola que atendesse a todos eles.

Nesse intuito, em 2006, as lideranças de Marãiwatsédé estiveram em uma audiência com a então Secretária de Estado de Educação, Ana Carla Muniz, para solicitar a construção da escola na aldeia. Mas só no ano seguinte, em abril de 2007, na gestão Secretário de Estado de Educação Luiz Pagot é que a obra foi iniciada. Atualmente, a escola tem 06 salas de aula, 21 funcionários, 312 estudantes.

Tendo garantido o espaço físico adequado para os estudantes de Marãiwatsédé, os profissionais da escola foram incentivados pela professora Carolina Rewaptu, primeira diretora, a discutir que currículo se queria para a comunidade escolar, tendo em vista que esse currículo deveria ser capaz de desencadear ações que tornassem a escola um espaço, segundo o PPP (2010), de qualidade, de democracia, de participação comunitária e de desenvolvimento, tanto de estudantes quanto de professores e que cumprisse o objetivo de “orientar: a ação educativa, baseada nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso, do respeito à diversidade étnico cultural” (PPP, 2010.p.5).

Nessa perspectiva, a professora Carolina Rewaptu procurou a professora-formadora da educação escolar indígena do CEFAPRO, Luciana Deluci, pedindo ajuda para elaborar o currículo da escola. A primeira discussão sobre o currículo aconteceu, em fevereiro de 2011, quando o CEFAPRO esteve presente no encontro formativo com os profissionais da escola e a comunidade de Marãiwatsédé. O objetivo do encontro foi compreender como estão organizados os grupos de idade e as aprendizagens na cultura A’uwẽ Uptabi; quais desses grupos de idade estão presentes na escola, o que se aprende e o que professores ensinam nessa fase da vida.

O encontro subsequente foi agendado para setembro de 2011, quando o trabalho a ser desenvolvido desencadearia uma etapa inicial de planejamento curricular no qual o CEFAPRO teria a responsabilidade, por intermédio da professora-formadora Luciana Deluci, de mediar as discussões entre a educação escolar indígena e os conhecimentos da cultura; ainda, as discussões sobre grupos de idade/aprendizagens e a articulação da educação voltada para diversidade cultural cuja construção tem ênfase na elaboração:

[...] num processo dialógico e reflexivo, onde as pessoas se posicionem como sujeitos com crenças, referências e identidades próprias; capazes de propiciar uma (re) construção não só dos aspectos culturais (conhecimentos, teologia, saberes...) senão também da possibilidade de se tornarem pessoas e cidadãos. (Burbano Paredes *apud* PECEGUEIRO, S/D, p7.).

Após discussões entre os professores-formadores e a comunidade indígena, percebemos o interesse dessa comunidade em (re)significar o seu retorno a Marãiwatsédé e o fortalecimento da identidade com esse lugar que não é o mesmo do passado para todos os seus atuais habitantes. Nesse sentido, os conceitos de lugar e memória são fundamentais na construção do currículo da EEI Marãiwatsédé. Ressalta-se que esses conceitos estão em consonância com os conceitos propostos pelas Orientações Curriculares - OC - do Estado de Mato Grosso para a área de Ciências Humanas e Educação Escolar Indígena nas quais esses conceitos são eixos articuladores do currículo escolar.

O Caminho Delineado:

Antes de descrever o percurso metodológico desse trabalho, faz-se necessário assinalar que:

O currículo é objeto de muitas práticas e se expressa e se concretiza nelas, se molda numa multidão de contextos, sendo afetado por forças sociais, marcos organizativos, pelos sistemas de produção de materiais didáticos, pelo ambiente da aula, pelas práticas pedagógicas cotidianas, pelas práticas de avaliação, concluindo que todo ele é um processo social (SACRISTÁN, 1998, p.165).

Se o currículo é todo um processo social permeado por forças sociais, práticas pedagógicas, organização didática do professor, como os conceitos de memória e lugar podem desencadear ações didáticas relevantes ao aprendizado de Marãiwatsédé?

De acordo com Marzari (2010), a apropriação e a interiorização dos conceitos não ocorrem simplesmente pelo processo de assimilação e memorização, mas por várias funções intelectuais como “[...] memória lógica, abstração, planejamento, análise, classificação, comparação e discriminação entre outras necessárias”(MARZARI, 2010. P.58) .

Dessa forma, o ensino de conceitos não pode ser feito de forma estéril do conceito pelo conceito esvaziado de significado. Na abordagem desenvolvimental, o planejamento e o ensino devem ocorrer de modo que os estudantes possam se apropriar dos conhecimentos teóricos e que, por consequência, desenvolvam o pensamento cognitivo e a consciência.

A organização da atividade didática da aprendizagem deve partir da experiência dos estudantes, dos seus interesses, das perguntas e das necessidades. Em nosso caso, partiu da necessidade formativa dos professores para melhor desempenhar suas funções pedagógicas junto à aprendizagem dos estudantes da EEI Marãiwatsédé. Para isso:

O conteúdo destas e os meios para desenvolvê-los no processo didático-educativo determinam essencialmente o tipo de consciência e de pensamento que se forma nos escolares durante a assimilação dos correspondentes conhecimentos hábitos e atitudes (Davidov *apud* MARZARI, 2010, p.66).

Os conteúdos e a metodologia de trabalho do professor favorecem a passagem do pensamento empírico dos estudantes ao pensamento teórico que possibilite aos estudantes fazer generalizações de cunho científico. Como esse trabalho é continuidade das ações formativas desenvolvidas em 2010 e 2011, os professores tinham como motivação inicial para o reconhecimento do território ancestral a própria memória dos anciãos que viveram no passado antes da diáspora pois,

a memória dos A’uwẽ Marãiwatsédé é uma grande fonte de conhecimentos expressos por meio da oralidade, passada de geração a geração. Os anciãos são guardiões de memória que buscam transmitir aos jovens a lembrança a respeito da história de luta e sofrimento de seu povo. Com isso, esperam que os jovens A’uwẽ, quando não estão diante dos mais velhos contem também essa história. (DELUCI, 2013 p. 36)

O conceito de memória foi fundamental, nesse trabalho se considerarmos que e grande parte da população de Marãiwatsédé é constituída de jovens que não viveram os

conflitos da diáspora, em 1966. Ao considerar as contradições de que a memória é portadora entende-se a preocupação da comunidade de Marãiwatsédé em manter viva a sua memória coletiva, a partir das lembranças das pessoas que vivenciaram a diáspora, em 1966.

Segundo Deluci (2013) há uma nova geração de lideranças na comunidade, que escolheu a educação escolar como caminho para contribuir com a história de seu povo. Esses professores ouviram as histórias seus pais, desde muito pequenos. As histórias de antigamente e os conhecimentos específicos de quem nasceu em Marãiwatsédé traz consigo a memória desse lugar que ensinado às crianças e jovens.

Por isso, a participação, dos anciãos, como orientadores da Dzomori nessa ação pedagógica foi crucial. Duas atividades foram definidas para a Dzomori: Abahi (Coleta) e Abawa (Caça). Na expedição deveriam ser identificados lugares como morro Parinai'a, cemitério antigo, lagoas entre outros. É importante salientar que:

[...] a memória é a vida, sempre carregadas por vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas formações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações suscetível de longas latências e repentinas revitalizações (NORA, 1981, p. 9).

A ação pedagógica da Dzomori se pautou em 03 aspectos da estrutura da atividade de Davidov, cujas ações partem do coletivo para o individual. As ações usadas foram: ação 1- transformação dos dados da tarefa de aprendizagem, cujo objetivo é levantar o conhecimento prévio dos participantes; 2-modelação encontrada em forma objetivada; o propósito dessa ação é elaborar um modelo que represente a relação principal do conceito trabalhado, e a ação 3- é transformação do modelo com vista às propriedades intrínsecas a essas relações, objetivando reconhecer as propriedades fundamentais para a formação nuclear do conceito.

Na ação 1, foi retomada a discussão de 2011 sobre Marãiwatsédé como lugar de memória pelo professor Raimundo Nonato, como forma de estabelecer elos com a atividade a ser desenvolvida. Em seguida os grupos de trabalho foram divididos. Como a coleta é uma atividade feminina, mulheres participariam da Abahi. Elas foram acompanhadas dos professores da escola Lázaro e Elídio encarregados de registrar,

fotografar todo o percurso e pelas professoras do CEFAPRO Luciana Deluci e Luciene Rosa.

A abawa é atividade masculina. Desse modo quase todos os professores estavam nesse grupo, nesse grupo. O acompanhamento para registro escrito e fotográfico feito pelos professores Nazário e Humberto e do professor-formador Raimundo Nonato do CEFAPRO.

Ambas as atividades tinham a função de auxiliar na elaboração de materiais didáticos para ser usado na sala de aula com os estudantes; por isso, foram observados os elementos fundamentais como as pegadas de animais encontradas no caminho, o diâmetro das árvores, a mudança no ambiente, os tipos de frutos encontrados e, sobretudo os ensinamentos dos anciãos.

No primeiro dia da expedição Abahi e de Abawa não foram encontradas nem frutos nem caça na região ocupada pelos A'uwẽ Marãiwatsédé. A conclusão foi de que a caça e os frutos estavam nas fazendas vizinhas que no passado compunham o território ancestral de Marãiwatsédé e na área de conflito pela terra que, estava em processo de desintrusão pelo governo federal.

Diante dessa falta de frutos e caça, ficou decidido entre A'uwẽ Marãiwatsédé que, no dia seguinte a Dzomori seria feita em uma área vizinha a TI Marãiwatsédé de propriedade de um fazendeiro amigo. Essa decisão possibilitou êxito na atividade de abahi, mas ainda assim a caça foi escassa.

A ação 2 após a Dzomori, os dois grupos voltaram a escola para avaliar, sistematizar as informações. Foram produzidas: narrativas sobre a expedição, croquis com o trajeto suas mudanças e permanências.

As discussões giraram em torno da escassez de recursos no presente em relação à abundância do passado, a como córregos e lagos estão com menos profundidade. A Marãiwatsédé do passado sofreu muitas modificações devido a ação dos posseiros que veíam no território até aquela data e que transformaram a área de mata em terras de pastagens para gado, plantação de soja e arroz. Tudo estava muito diferente.

Para a ação 3, os professores leram e discutiram o texto adaptado da obra CARLOS, Ani Fani Alessandri. O lugar no/do mundo (1996) pelo professor-formador Raimundo Nonato. O objetivo foi articular o conceito de lugar com a atividade

desenvolvida. Após a leitura cada participante expressou como estabeleceu a relação entre o conceito de lugar a atividade da Dzomori.

As atividades com os croquis, narrativa dos participantes, a leitura e discussão do texto de Carlos e a articulação com o conceito de lugar confirmaram que a memória “[...] se enraíza no concreto, na imagem, objeto no espaço. A memória é o absoluto” (NORA, 1981, p.9). Nesse momento, ela tem o papel primordial nos acontecimentos da vida em Marãiwatsédé. Pensamentos e ação no lugar não se desarticulam dessa memória.

Considerações Finais

Para além de pensarmos em uma memória coletiva que sustente as lutas, a permanência e as conquistas em Marãiwatsédé, pensamos o que fazem seus habitantes com esse passado. Compreendemos que a significação desse passado e sua inter-relação com o presente para os mais jovens, vem sendo organizada pelos professores com o auxílio de toda a comunidade, no que tange às lembranças e memória coletiva.

Ao CEFAPRO, como centro de formação cabe, ouvi-los e, a partir daí, planejar junto com eles o que especificamente desejam, articulando ação-reflexão e ação no fazer pedagógico dos docentes. Temos pensado a ação formativa a partir da estruturação de aprendizagem de Davidov, por entender que essa organização subsidia a apropriação do conhecimento, tanto pelos professores, em sua formação, quanto pelos estudantes na prática docente desses professores.

Em março de 2013 em visita Marãiwatsédé foi possível ver que na escola eram usados os materiais produzidos nos estudos de formação continuada, na Dzomori se transformaram em material pedagógico em sala de aula onde se observavam cartazes, desenhos, croquis e textos que relatavam a história de Marãiwatsédé no passado e no presente seja no relato dos anciãos ou na observação dos professores na Dzomori.

Memória e lugar continuam conceitos imprescindíveis para subsidiar nossa prática em Marãiwatsédé, à medida que nós também precisamos compreender que lugar

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

é esse que fortalece e vivifica seus moradores, a despeito de todas as dificuldades ali encontradas. Atividades como a Dzomori e a manutenção do o diálogo geracional, a memória dos anciãos, propiciam elementos para que os professores de Marãiwatsédé possam escrever e ensinar a história seu povo na escola. Nessa tarefa se tornam ao mesmo tempo atores e autores da escrita de sua própria história.

Referências Bibliográficas

BOM JESUS DO ARAGUAIA- MT. **Projeto político pedagógico da escola estadual indígena Marãiwatsédé**. Aldeia Marãiwatsédé, MT: 2010.

CARLOS, Ani Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DELUCI, Luciana Akeme Sawasaki Manzano. **Ti'a roptsimani' õ: os A' uwê Marãiwatsédé tecem saberes para a construção de uma proposta curricular intercultural**. (dissertação de mestrado), Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília-UnB, 2013

FERNANDES, Estevão Rafael. **Sobre os Xavantes de Marãiwatsédé**. Disponível em: <http://www.ecoamazonia.org.br/2011/07/sobre-os-xavante-de-maraiwatsede/#more-1491>. Acesso em: 15 abr. 2012.

Lopes da Silva, Aracy. Dois Séculos e meio de história Xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos Índios no Brasil**, São Paulo: Cia das Letras; Secretaria municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

PECEGUEIRO, Claudia Maria Pinho de Abreu. **Currículo crítico e o professor: seu papel nesse contexto**. Disponível em : www.undb.br/include/download.php_pecegueiro. Acesso em 02/mai/2012.

MARÃIWATSÉDÉ; lugar de luta, resistência e conquistas. **Informativo Marãiwatsédé**. Terra Indígena Marãiwatsédé, MT; v. I, p.1, 2011.

MARZARI, Marilene. **Ensino e aprendizagem de didática no curso de pedagogia: contribuições da teoria desenvolvimental de V.V. Davidov**. Goiânia: PUC 2010 (tese de doutorado).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC- SP, 1981.

ROSA, Luciene de Moraes. **Encontros e Desencontros entre os A'uwê Uptabi e os Waradzu no Espaço Urbano de Barra do Garças**.dissertação de Mestrado (em História). Goiânia: UFG, 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

_____; et al. **Formação Continuada dos Professores da Escola Estadual Indígena Marãiwatsédé (EEI): lugar, memória, história entrecruzando o fazer pedagógico.** X Encontro Estadual ANPUH-GO: Didática da história: pesquisar, explicar, ensinar. Universidade Federal de Goiás, Goiânia- GO:2012. Anais Eletrônicos, ISSN 2238-7609

SACRISTÁN, J Gimeno. O currículo: os conteúdos do ensino ou análise da prática IN: PÉREZ GÓMEZ, A.I. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: Artmed,1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**, 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.